



Há tempo

Ana Paula Maciel Soukef Mendes¹

Resumo

Este ensaio visual busca contemplar alguns aspectos sociais e históricos do México, com um olhar especial para as lutas indígenas que marcam este país. Para tanto, tem-se a fotografia e a palavra como formas poéticas e políticas de reflexão sobre o mundo.

Palavras chave: México, Luta indígena, Resistência, Ancestralidade, História.

Hay tiempo

Resumen

Este ensayo visual busca contemplar ciertos aspectos sociales e históricos de México, con una mirada especial a las luchas indígenas en este país. Con este fin, se utiliza la fotografía y la palabra como formas poéticas y políticas de reflexión sobre el mundo.

Palabras clave: México, Lucha indígena, Resistencia, Ancestralidad, Historia.

There is time

Summary

This visual rehearsal aims to look on some social and historical aspects of Mexico, with a special eye on the indigenous struggle in this country. For that, the rehearsal uses photography and texts as poetic and political means of reflection about the world.

Key words: Mexico, Indigenous struggle, Resistance, Ancestry, History.

“No morirá la flor de la palabra. Podrá morir el rostro oculto de quien la nombra hoy, pero la palabra que vino desde el fondo de la historia y de la tierra ya no podrá ser arrancada por la soberbia del poder

(Subcomandante Marcos)

Andar por caminhos desconhecidos exige um pouquinho de curiosidade nos olhos e coragem no coração. Em junho de 2019, movida por um sonho de conhecer o deserto, resolvi

¹ Comunicadora social e fotógrafa. Doutora em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). anasoukef@gmail.com

aventurar-me pelo misterioso México, país que há tempos habitava minha imaginação através dos relatos fascinantes de Castañeda e das lentes majestosas de Graciela Iturbide.

Durante todo um mês, pude vivenciar experiências tão diversas quanto maravilhosas. Paisagens que se transformam de repente, do árido ao verde luminoso; sabores intensos e picantes; modos de vida que persistem e se espalham como o milho - alimento que é o símbolo da resistência mexicana e da inesgotável força de “la gente de maíz”.

Um território sagrado e místico, marcado por complexidades históricas e sociais que pulsam de suas ruas, bairros e periferias; sobrevivente de uma colonização sangrenta, sem nunca perder sua identidade indígena. Um lugar destinado a recordar a todo momento de sua própria história, pois aonde quer que se vá saem de suas entranhas gigantescas pirâmides, vestígios de civilizações que pertenceram a um passado longínquo, mas que continuam presentes na identidade e cultura de seu povo.



Cidade pré-colombiana de Teotihuacan, a cerca de 50 km da capital mexicana



Área externa do Palácio de Quetzalpapálotl em Teotihuacan



Detalhe interno nas paredes do Palácio de Quetzalpapálotl



Vista da Pirâmide do Sol em Teotihuacan



Palenque, sítio arqueológico maia situado no sul do México, no estado de Chiapas



Palenque, Chiapas, México



Palenque, Chiapas, México



Apresentação dos Voladores de Papantla na cidade de Cholula, uma forma de dança ancestral indígena do México. Ao fundo, a grande pirâmide de Tepanapa, sobre a qual foi construída, no século XVI, a igreja de La Virgen de los Remedios

Pelas trilhas do Deserto Wirikuta

De uma forma não planejada e – arrisco dizer – quase mágica, fui conduzida pelas trilhas ancestrais dos caminhantes wixarikas, pelo deserto Wirikuta, no estado de San Luis Potosí.

Nunca consegui pensar as regiões desérticas como lugares desabitados e hostis, tal como muita gente imagina. Pelo contrário. Em minha imaginação sempre vislumbrei o deserto como um lugar profusamente habitado, por seres visíveis e invisíveis, com uma infinidade de plantas e animais; repleto de incontáveis pequenos mundos desconhecidos. Uma riqueza de vida tão evidente (e oculta) que um olhar desatento pode facilmente confundir com o vazio, o nada.

E assim é! Adentrar o deserto Wirikuta é uma experiência sensorial fora do comum. Um território vivo, pulsante, cujas fronteiras não podem ser alcançadas pela vista. Dentre seus mistérios, este deserto revela pequenas surpresas, como as delicadas e numerosas conchinhas que estão ali desde tempos imemoriais, quando todo aquele território era banhado pelo mar. Outra de suas delicadezas: um silêncio magistral que aos poucos vai sendo povoado por sons curiosos e desconhecidos, que parecem vindos de outros tempos.

Na cosmovisão do povo Wixarika, grupo étnico ancestral do México, Wirikuta é um lugar sagrado, pois foi lá onde o mundo começou, onde o sol e a humanidade apareceram pela primeira vez, e por isso é a casa dos espíritos e dos guardiões.

Desde tempos remotos, o povo Wixarika peregrina ano a ano por este deserto, percorrendo incansavelmente mais de 500 quilômetros – durante vários dias e noites – liderados pelos marakames (xamãs). Na crença Wixarika, o ritual de peregrinação é uma prática sagrada que permite o laço com as divindades e que sustenta a existência do mundo. Em seu caminho, coletam o cacto sagrado peyote (*hikuri*), considerado um guardião protetor.

A relação deste povo com o território é de inseparável conexão, por isso lutam por aquela terra como lutam por suas vidas. A terra Wirikuta está hoje sob ameaça, pois a política governamental mexicana vem há anos abrindo concessões para mineradoras para a exploração da região. Diante disto, os indígenas tem levado à frente uma forte mobilização política pela defesa do local, algumas organizações se formaram, dentre elas a Frente de Defesa de Wirikuta (FDW). Através da luta indígena, cada vez mais a sociedade civil mexicana toma consciência da importância política, histórica, cultural e espiritual daquele território.



Caminho para Wirikuta, no estado de San Luis Potosí



Wirikuta, o deserto sagrado do povo Wixarika



Deserto Wirikuta, San Luis Potosí, México



Real de Catorce, pequeno vilarejo em meio ao deserto mexicano



Real de Catorce, San Luis Potosí, México



Real de Catorce, San Luis Potosí, México



Real de Catorce, San Luis Potosí, México



Real de Catorce, San Luis Potosí, México



Estación Catorce, povoado próximo a Real de Catorce e ao deserto Wirikuta

“Un mundo donde quepan muchos mundos”

Resistir parece ser o legado comum que aproxima as distintas etnias indígenas espalhadas pelo vasto território mexicano.

Mais de 1.500 quilômetros ao sul de Wirikuta, no estado de Chiapas, onde o verde tropical e as árvores imponentes substituem as vegetações rasteiras do deserto, os grupos indígenas locais, com igual força e coragem, lutam pelos seus territórios levando à frente uma articulação política que há décadas tem inspirado grupos de resistência em toda a América Latina e no mundo.

Foi em 1994, quando explodiu publicamente o levante zapatista em Chiapas, que o mundo tomou conhecimento da grandiosa e silenciosa revolução que há tempos vinha tomando lugar no sul do México. Exatamente no dia 1º de janeiro de 1994, o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) anunciou, após dez anos de preparação, a ocupação de vários municípios do estado de Chiapas e emitiu a Primeira Declaração da Selva Lacandona, na qual declaravam guerra ao governo mexicano e eternizavam a frase “Nosotros hoy decimos ¡Basta!”.

Era um basta aos quase cinco séculos de exploração do povo indígena pelos governantes, um basta à fome, à falta de direitos territoriais e à falta de condições dignas de vida; um grito liderado por milhares de combatentes indígenas saídos da selva, aos quais se juntaram as populações urbanas, igualmente exploradas e sofredoras.

O grito zapatista ecoou forte por todo o mundo. Os dias que se seguiram após o levante foram de repressão e violência por parte do Estado, resultando em muitas mortes e desaparecimentos. Em apoio ao levante indígena e contra a truculência estatal, houveram protestos em diferentes partes do país. Após 12 dias de combate armado, foi declarado o cessar fogo, e a partir daí teve início um segundo momento da luta zapatista, voltado para o enfrentamento do estado através do diálogo e da negociação de termos e condições.

Passados 26 anos do levante, os zapatistas seguem organizados e fortes em seus territórios autônomos. Tratam-se de territórios completamente independentes, onde a população – formada majoritariamente por indígenas descendentes maias – segue seus princípios e modos de vida, tendo suas leis e seu próprio sistema político, sem a intervenção estatal. Estes territórios, organizados e integrados através dos chamados caracóis zapatistas, têm como fundamento o pensamento solidário e coletivo.

Próximo à cidade de San Cristóbal de las Casas, em Chiapas, está localizado um destes caracóis – o caracol Oventic, o único que recebe visita de turistas. Ao chegar a Oventic, logo

na entrada, o visitante se depara com a seguinte mensagem: “Você está em território zapatista. Aqui o povo manda e o governo obedece”. Lá, é possível conhecer um pouquinho mais de perto esta história de rebeldia e resistência.

Conhecer Oventic foi um dentre os tantos presentes que a viagem ao México me proporcionou. Por uma questão de segurança da própria comunidade, a visita ao caracol é sempre acompanhada por um morador local. Um primeiro aspecto que chama a atenção é que quase todos os moradores andam encapuzados pela comunidade.

O uso do capuz sempre foi uma grande marca do movimento zapatista. Ocultar o rosto representa não apenas a proteção das identidades dos campesinos, visto que ainda hoje existe perseguição política contra eles, mas representa também um aspecto ideológico importante que caracteriza o EZLN. O capuz simboliza, em certa medida, o apagamento das identidades individuais, já que a luta zapatista pertence a todos; em qualquer parte do mundo, onde existam pessoas exploradas pelo sistema capitalista, esta luta pertence; onde exista a submissão, a falta de liberdade, ela é necessária. Este pensamento, voltado para o bem comum, é o que molda o zapatismo.

Em Oventic, fui acompanhada por um jovem e uma senhora, que de uma forma bastante tímida respondia minhas perguntas. Uma das questões que fiz foi porque as sedes organizativas eram chamadas de caracóis. Ela esperou até chegarmos em uma parede, onde havia desenhos de caracóis, e apontando para um deles me disse apenas uma palavra: “resistência”. Ficamos ali por um tempo, observando os pequenos caracóis desenhados na parede, e conforme eu olhava podia por mim mesma compreender o significado daquele símbolo.

O caracol é um animal que leva junto de si sua casa, que é seu lugar de proteção e resistência. Com paciência, o caracol espera o momento correto para avançar; quando sob ameaça, ele recua e permanece em silêncio, invisível sob sua concha, protegido. Suas anteninhas parecem ser o sinal de que estão conectados ao mundo, atentos a tudo que se passa, percebendo estrategicamente cada momento.

Assim é (e sempre foi) o movimento zapatista, movendo-se silencioso e estrategicamente. Na última década muitas pessoas chegaram a declarar que o movimento estaria em decadência, rumo ao fim. No entanto, recentemente (em agosto de 2019) o EZLN anunciou inesperadamente sua expansão – foram declarados novos municípios autônomos, totalizando 43 territórios autogovernados, e os cinco caracóis zapatistas expandiram-se para um total de doze.

Parece haver uma incompreensão da sociedade dominante com relação ao funcionamento e à dinâmica do zapatismo, talvez porque agir com calma e paciência pareça anacrôni-

co em um mundo pautado pela falta de tempo, pela ansiedade e pela pressa. A meu ver, esta é a grande revolução zapatista, e não apenas deles, mas de todo o mundo indígena.

No mundo indígena existem outros tempos; ou melhor, há uma outra forma de compreensão do tempo, um entendimento que está muito além do pensamento ocidental. Justamente por isso há uma paciência no fazer e no planejar, que se reflete também nos modos de conviver, dialogar e escutar o outro.

Certamente, há ainda muito a se aprender sobre o tempo e sobre a paciência com os povos indígenas. Como afirma a grandiosa fotógrafa mexicana Graciela Iturbide (algo que aprendeu de seu mestre Manuel Álvarez Bravo) é preciso pensar que “há tempo” – um pensamento absolutamente revolucionário para os dias de hoje.



Oventic, Chiapas, México



Oventic, Chiapas, México



Oventic, Chiapas, México



Oventic, Chiapas, México



Oventic, Chiapas, México



Oventic, Chiapas, México



Oventic, Chiapas, México



Oventic, Chiapas, México



Oventic, Chiapas, México



Oventic, Chiapas, México



Oventic, Chiapas, México



Oventic, Chiapas, México

Embora o movimento zapatista seja bastante conhecido dentro e fora do México, é possível notar que ainda existe bastante receio em se falar do tema. Em San Cristóbal, em diferentes contextos, pude sentir este receio; muitas pessoas preferiam não falar ou diziam que não conheciam. Isso porque segue existindo perseguição política aos rebeldes zapatistas e, dado o contexto mexicano, marcado por casos históricos de violência estatal, é compreensível que exista este medo.

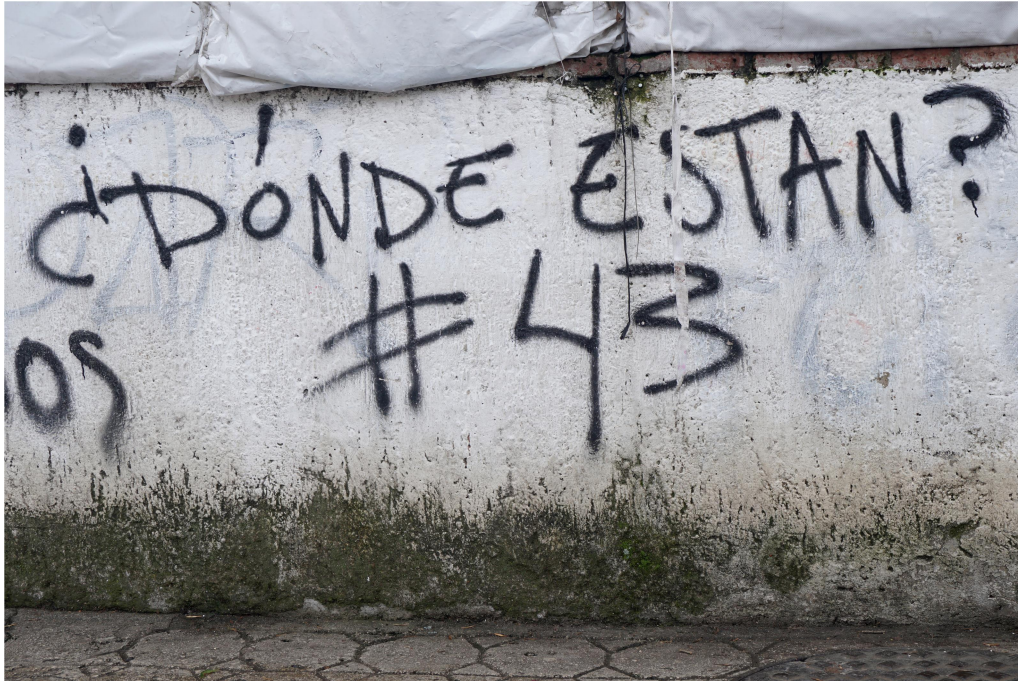
A história do México guarda certos episódios de violência que, independentemente do tempo que passe, permanecem como feridas abertas para a sociedade, a exemplo do histórico Massacre de Tlatelolco, quando em 1968, na Cidade do México, durante uma manifestação estudantil, as forças armadas mexicanas simplesmente abriram fogo contra os civis deixando centenas de mortos em praça pública, um verdadeiro massacre irreparável e inesquecível, ocorrido poucos dias antes no início das Olimpíadas no país.

Mais recentemente, completando pouco mais de cinco anos, foi o absurdo sequestro e desaparecimento dos 43 estudantes normalistas de Ayotzinapa, episódio também conhecido como o Massacre de Iguala, ocorrido em setembro de 2014. Um luto que a sociedade mexicana ainda nem pôde viver, pois o caso segue envolto em muitos mistérios.

Como tantos outros países da América Latina, o México guarda complexidades históricas difíceis de aceitar e compreender. Ao mesmo tempo, estar neste território é como um

sopro de vida e esperança, tal a beleza que brota do coração desse povo, habitado por línguas, tempos, espíritos e sentimentos tão verdadeiros.

Um povo que não cansa de reinventar-se, resistente como cacto e diverso como milho.



Inscrições nos muros em San Cristóbal de las Casas sobre o desaparecimento dos 43 estudantes de Ayotzinapa



San Cristóbal de las Casas, Chiapas, México



Mulheres artesãs em San Cristóbal de las Casas, Chiapas, México



Artesã em San Cristóbal de las Casas, Chiapas, México



Pequeno museu do levante zapatista, localizado nos fundos de um restaurante em San Cristóbal de las Casas



San Crsitóbal de las Casas, Chiapas, México



Gruta ao sul do México com imagem da Virgem de Guadalupe, santa profundamente venerada na cultura mexicana



Celebração indígena na Igreja de Santo Domingo, na Cidade do México



Natureza majestosa e imponente do sul do México - Cañon del Sumidero, Chiapas



Cañon del Sumidero, Chiapas, México

Referências

BASCHET, Jérôme. ¡Rebeldía, resistencia y autonomía! La experiencia zapatista. México: Ediciones Eón, 2018.

EZLN, Primera Declaración de la Selva Lacandona, 1994. Disponível em: <www.enlacezapatista.ezln.org.mx>

MARCOS, Subcomandante Insurgente. Según cuentan nuestros antiguos...Relatos de los pueblos indios durante la otra campaña. México, julio 2017.

NEURATH, Johannes. Wirikuta y la búsqueda colectiva de visiones. La jornada del campo, abril/2012, n. 55.